FÓRUM

Cartas, opiniões, depoimentos.

Morte de um silencioso eletricista

O estrabismo une gregos e troianos numa mesma *trip*. Por que frestas de luz um guerreiro zarolho, dentro do famoso cavalo de madeira poderia antever o que lhe aguardava no campo de batalha adversário? Quando alguém olha atravessado para outra pessoa, paira sempre no ar um germe de dúvida, de encabulação.

Às vêzes as coisas se resolvem com



Walter Carvalho e Ulisses

um simples exame clínico. No campo cinematográfico, o estrabismo evolui, ou melhor, dissemina-se de forma tão curiosa que chega até a merecer estudos pormenorizados. O enviesamento do olhar em cinema tem dado resultados tão profícuos que chego a pensar mal dos fotógrafos modernos que somente se extasiam diante da tecnologia, tanto ótica quanto mecânica.

A tradição estrábica nos transporta de Peter Lorre até Lucélia Santos, passando por Sandra Brea (não esquecer de Karen Black e David Niven) e chega até Luis Buñuel (via Rudá de Andrade e P. E. Salles Gomes, nosso eterno mestre).

Mas o representante dessa classe que nos chama atenção hoje é outro.

Certas pessoas mantêm com a vida uma estranha relação de distância, de displicência e esta postura acentua-se quando elas sentem que é esse fato que paradoxalmente as fazem mais humanas e calorosas. Trata-se de uma simples observação aguçada pelo convívio diário, na folga ou no trabalho. O humor afastado de Ulisses Alves Moura reforcava esta tentativa de informação vital. Este silencioso eletricista de cinema morto prematuramente aos 52 anos de idade trabalhou em várias produções sonoras. De dentro de sua sábia e estrábica mesmice deve ter-nos julgado a todos. Liberava intermitentemente seus conceitos sobre coisas e pessoas mantendo pudor e ética a ponto de poder, por momentos, transcender sua rude atividade manual.

Ulisses foi-se do nosso convívio a 13 de setembro de 1983, sem saber que chegou, a seu modo, a ser guru de muita gente boa.

Nesta data, pelo menos, alguma luz deve ter-se feito! Voltímetros, reostatos, amperímetros, colorímetros tiveram seguramente suas agulhas apontando o índice máximo.

David E. Neves

Barravento em questão

No número 40 de Filme Cultura foi publicada, em entrevista com o ator Antonio Pitanga, referência a minha pessoa no polêmico caso Barravento, de maneira a querer comprometer a minha capacidade profissional ou mesmo moral como diretor de cinema. Fato injusto, porque a minha carreira cinematográfica não morreu com Barravento, como era vontade de muitos. E o próprio ator Antonio Pitanga fez, como ator, mais dois filmes comigo, Marcorrente e Crueldade Mortal, trabalhos sem nenhum contratempo.

Usando do direito que me assiste de resguardar a minha reputação profissional e moral dentro da memória do cinema brasileiro, posta em dúvida pela boca do referido ator em Filme Cultura, peço devidamente o espaço na revista, onde farei minha defesa, baseado em honra da verdade que a maioria das pessoas a que se refere esse caso escamoteiam por conveniências próprias ou bajulações.

Resumirei o assunto em algumas respostas diretas ao ator, com um ponto de diferença de suas acusações: o nível da verdade.

Pitanga esquece que várias cenas de algumas sequências de Barravento, filmado com ele e a atriz Sônia Pereira, foram jogadas fora pelos produtores porque a atriz foi afastada por ter reclamado de uma diferença de salários entre ela e Luiza Maranhão, que tinha papel menor. A produção justificava que a segunda atriz vinha do Sul e que Sônia era minha noiva, o que não dava a ela o direito de exigir nada. A moça foi tomada como um bode expiatório. Como atriz, Sônia não foi inventada por mim, já tinha trabalhado com Nelson Pereira dos Santos em Mandacaru Vermelho e cursado a Escola de Teatro da Bahia, de nível universitário. Era amiga em grau elevado e colega de colégio de Glauber que foi quem apresentoume a ela. Com isto, acreditei que Glauber e Sônia se entenderiam satisfatoriamente, já que ele era o produtor executivo. Fui surpreendido com injusta degola da atriz, à minha revelia, que era o diretor e coprodutor do filme. Convém lembrar que eu ainda continuo sócio do filme, os direitos autorais da estória estão reservados em meu nome na Biblioteca Pública desde 1961.

Entre muitas outras coisas que ocorriam nos bastidores à boca pequena, era bom que você, Pitanga, soubesse que foi tramado na área de produção o seu afastamento do filme. Isto facilitaria a vinda de Luiza que tinha compromissos com Blecaute que a estava lançando como cantora e como troca queria entrar no filme como ator. Fui radicalmente contra e me desgastei com a produção para lhe defender.